

## UMA ANÁLISE SOBRE OS EFEITOS DE EMOÇÕES EM POEMAS MEMORIALISTAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Gabriela Pacheco Amaral<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar os discursos memorialistas nos poemas *Confidência do Itabirano* (1978), *Infância* (1930), *Negra* (1986) e *Homem Livre* (1973), de Carlos Drummond de Andrade, que produzem efeitos de emoções no discurso. Consideramos que nesses poemas será possível identificar como a cidade natal, Itabira, e o estado, Minas Gerais, são lembrados pelo poeta por meio do discurso literário. Ademais, acreditamos que o *corpus* pode apresentar diversos saberes de crença que apontam para esses efeitos de emoções. Para alcançar o objetivo, nosso arcabouço teórico enfatiza a obra de Charaudeau (1983), no que diz respeito às tópicas patêmicas no discurso, e de Plantin (2010) sobre as emoções. A análise dos poemas será por meio do modo de organização descritivo, da Semiologia, que permite avaliar os efeitos por meio de descrições objetivas e subjetivas, assim, tencionamos verificar se esses efeitos podem orientar para emoções no discurso. Ademais, iremos nos valer das tópicas das emoções desenvolvidas por Charaudeau (2010) e do quadro de tópicas organizadas por Plantin (2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Emoções. Minas Gerais. Análise do Discurso. Drummond.

**ABSTRACT:** The objective this paper is analysis the beliefs that build the emotions in the poems *Confidência do Itabirano* (1978), *Infância* (1930), *Negra* (1986) e *Homem Livre* (1973) of Carlos Drummond de Andrade. The poems show the memories and the world vision of poet. The poems show how the city Itabira and Minas Gerais are remembered by the poet by the literary discourse. Our corpus can have beliefs that direct to effects of emotions in the discourse. Our theoretical basis is the with studies of Charaudeau (1983) about the pathogens topical in the discourse, and with studies of Plantin (2010) about emotion. The methodological process for this paper is with the mode descriptive discourse organization, of Semiology. Our intention is analysis how the objective and subjective description can compose the beliefs and the effects of emotions in the discourse.

**KEYWORDS:** Emotions; Minas Gerais; Discourse Analysis; Drummond.

### Introdução

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902 e morreu no Rio de Janeiro, em 1987, aos 85 anos. O poeta vive boa parte da infância na fazenda da família em Itabira, e tal fato para Fava (2002) fez com que Drummond se tornasse um homem que gosta

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos na área de Análise do Discurso (UFMG). E-mail: [gabriela-pa-169@hotmail.com](mailto:gabriela-pa-169@hotmail.com).

de um ambiente campreste, de apreciar as montanhas e a vida na natureza. Ainda de acordo para Fava (2002), Drummond possui uma personalidade de natureza reservada, tímida e quieta, além de não gostar de entrevistas. Para muitos críticos literários, será no fim da vida do mineiro que haverá uma liberação para as manifestações pessoais em suas obras como também um gosto por discursos satíricos e de desencanto. Segundo Fava (2002), nessa fase Drummond entrega-se com um espetacular empenho e requinte construtivo à comunicação estética da forma que se transforma no poeta de Itabira.

Drummond é um artista que escreve sobre diversos temas, em algumas de suas obras demonstra certo desencanto e uma visão negativa da sociedade, pois discorre sobre temas de desigualdade social e econômica. O poeta demonstra um engajamento social ao se preocupar com os problemas individuais alheios e com os problemas sociais de Itabira e do Brasil. Esse engajamento é percebido em seus discursos que ressoam nos poemas. Por isso, concordamos com a afirmação de Brunacci: “O escritor é, antes de tudo, um ser social” (2008, p. 27). Dessa forma, consideramos que todo o contexto social e histórico que envolveu Drummond pode contribuir para o estilo literário e para o posicionamento ideológico que ele adota em seus poemas. Esse posicionamento pode ser percebido devido a algumas pistas deixadas no fio do discurso que podem estar de forma explícita ou implícita, como as descrições que tencionamos investigar doravante.

Ao depararmos-nos com um discurso que é motivado por lembranças de Drummond, será possível observar como se manifestam as emoções por meio de avaliações e de posicionamentos do escritor em face de algum acontecimento que ele relembrou e materializou em seus poemas. Trata-se, portanto, de referências sociais em textos literários. Para analisar esses traços sociais e históricos é viável ponderar brevemente sobre o estudo de Adorno (2003), sobre as referências da história e do contexto social que permitem investigar como ocorre a relação do autor com a sociedade. Ou seja, o próprio discurso da obra nos orienta sobre a representação da sociedade no discurso literário. Com isso, concluímos que os efeitos de emoções que podem surgir dos poemas de Drummond estão em uma dimensão representacional do mundo.

Enfim, diante das memórias narradas de Drummond sob a forma de poemas, nosso objetivo é verificar os efeitos de emoções, ou efeitos patêmicos, que podem ser delineados conforme a construção do discurso na obra. Nesse sentido, investigaremos se na medida em que o sujeito narrador conta sobre o seu passado, será possível analisar tópicos patêmicos por meio de julgamentos e de opiniões do escritor sobre os temas desenvolvidos nos poemas.

## A emoção no discurso

Muitos de nós, algumas vezes já podemos ter nos deparado com a fala de que devemos agir pela razão e não pela emoção. Essa *vox populi* tende a interpretar que razão e emoção são opostas, quando na verdade elas podem ser pensadas como uma relação dialética.

A *vox populi* supracitada não surgiu sem precedentes ideológicos e/ou históricos. Desde os estudos na retórica latina, sob a ótica de Cícero, a razão se distinguiria da emoção, e, portanto, os discursos racionais seriam aqueles isentos de qualquer traço de paixão. Aliás, para ele, citado por Mauthieu-Castellani (2000, p. 70), “[...] *l’ erreur est la conséquence d’un jugement dicté par l’emotion [...]*”<sup>2</sup>. Outros autores como Platão, Descartes, Spinoza e Kant partilham dessa perspectiva e consideram que as emoções são da ordem do irracional.

Em contraste com estes pensamentos, em Aristóteles, encontramos pesquisas que trabalhavam com as emoções em um âmbito persuasivo no discurso. Mais especificamente, as emoções compõem uma das três provas persuasivas: o ethos, o pathos e o logos. O ethos é a imagem de si construída pelo locutor perante aos interlocutores. O pathos resulta das emoções suscitadas nos ouvintes em decorrência do discurso, assim, o orador se utiliza de certas estratégias discursivas que poderiam fazer com que os ouvintes partilhassem do mesmo ponto de vista que o orador. Aristóteles ainda define o pathos como o que move e impulsiona o homem para a práxis. O logos se refere à própria organização interna do discurso devido à forma que os argumentos são moldados na construção do texto.

Posterior aos estudos retóricos sobre as emoções, encontramos estudos enunciativos que fazem referências sobre as emoções no discurso. De acordo com Parret (*apud* MAINGUENAU, 1933), a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que ele enuncie, mas sim como o sujeito sendo um efeito do enunciado. Por esse motivo, o mesmo sinaliza a importância da utilização do conceito de enunciação como fundamental ao estudo das emoções, propondo-se a estudar o homem no discurso como um “ser de paixão”. Ou seja, deve-se analisar a paixão a partir do enunciado e não anterior a ele.

De pensamento similar, Charaudeau (2010) também afirma que a emoção no discurso precisa ser compreendida como um efeito visado ou suposto, pois a Análise do Discurso não possui meios metodológicos para analisar a emoção como realidade manifestada e vivenciada pelo sujeito. Por isso, o linguista francês argumenta que prefere a utilização de termos como

---

<sup>2</sup> O erro é a consequência de um julgamento pela emoção (tradução nossa).

“pathos”, “patêmico” e “patemização” ao invés de emoção, de tal maneira a patemização pode, assim, ser tratada discursivamente como uma categoria de efeito.<sup>3</sup>

Segundo com os pressupostos de Charaudeau (2007a, p. 240), “as emoções são originadas de uma racionalidade subjetiva”. Isto porque o sujeito apresenta uma intencionalidade no discurso que é orientada em direção a uma representação de um objeto. Além do mais, como afirma o autor supracitado, a emoção no sujeito ainda é acompanhada de uma informação e um saber sobre o objeto que precisa ser dotado de uma avaliação e um julgamento para que ele se posicione e possa apresentar a emoção diante da situação e do objeto.

A patemização, ou a emoção no discurso, é indissociável às crenças do sujeito, desse modo, qualquer alteração do ponto de vista de uma crença altera-se o efeito patêmico do discurso. Isso mostra que a organização do pathos no discurso depende da situação social e sociocultural nas quais se inscrevem os sujeitos falantes. Por conseguinte, “a patemização está atrelada aos saberes de crença que constituem um imaginário sociodiscursivo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 32).

As emoções nos discursos podem ser observadas por intermédio dos julgamentos e dos posicionamentos que são atravessadas por saberes de crença do sujeito. Para Plantin (2010, p. 58), “a emoção no discurso é constituída de argumentação e de intenção”. Dessa maneira, conforme será a intencionalidade do sujeito falante, assim será o discurso que argumenta a emoção. Essa argumentação da emoção pode ocorrer pela justificação, explicação e/ou a uma atribuição de experiência vivida pelo sujeito comunicante.

Em alguns enunciados a emoção pode ter uma designação direta e explícita. Porém, conforme Plantin (2010), quando não for possível identificá-la pontualmente é possível realizar possíveis interpretativos que figurem emoções reconstruídas a partir das emoções de base, ou melhor, das tópicas patêmicas. Ainda para o autor, a indeterminação da emoção no nível do discurso pode ser solucionada pelo contexto. Os enunciados que não contêm termo de emoção direta, mas que são orientados em direção a uma emoção podem ter vários traços argumentativos emocionais.

Desse modo, ainda com Plantin (2010), será viável especificar os princípios gerais que possam regular o discurso em direção a uma emoção. Dentre algumas regras que estudam a emoção, o autor cita Lausberg (1960) que enumera três tipos de regras que suscitam emoções, quais sejam:

---

<sup>3</sup>Respeitamos a opção de Charaudeau ao utilizar o termo patemização ao invés de emoção. Porém, iremos trabalhar com ambos os sintagmas como sinônimos e como categoria de efeito no discurso.

1. Regras sobre a emoção encenada: o orador precisa mostrar-se emocionado aos seus interlocutores, ele deve se colocar em estado de empatia e sentir/simular para estimular a emoção alheia. Podem ser usadas figuras de exclamações, de interjeições e de interrogações que possam autenticar a emoção no sujeito falante. Esta regra trata, portanto, de uma construção do *ethos*.

2. Regras sobre a apresentação e a representação: nessa regra entram os objetos, imagens e cenas que possam orientar para uma emoção, como uma boneca de uma criança, feridas, cadáveres espalhados, as lágrimas de mãe que perdeu o filho, a alegria dos vencedores e etc.

3. Regras sobre a mimese: o sujeito falante descreve coisas emocionantes e na falta de possibilidade de mostrá-los, podem ser utilizados recursos cognitivo-linguísticos para descrever, amplificar e exacerbar traços que orientem para uma emoção.

Autores contemporâneos, como Plantin (2010) e Charaudeau (2010), aperfeiçoaram tópicos retóricos que regulam a orientação para a emoção. Doravante, iremos discorrer sucintamente sobre algumas delas.

### Tópicos das emoções

De acordo com Plantin (2010), a tópica deve ser compreendida como uma regra de estrutura do componente discursivo das emoções. O linguista propõe um quadro de tópica que foi aperfeiçoado a partir de estudos retóricos clássicos, dos princípios de inferência emocional elaborados por Ungerer, das categorias linguísticas de construção da emoção de Caffi e Janney e do sistema de facetas teorizados por Scherer. Eis o quadro:

Quadro 1

Tópicos das Emoções	
<i>Topois</i>	Exemplos
T1: O quê?	Casamento/ enterro; façanha/ derrota; má ação/ boa ação; amigo/ inimigo
T2: Quem?	Mulheres, crianças, o Presidente, um mendigo, os notáveis
T3: Como?	Diria que era um campo de batalha
T4: Quando?	No dia de seus 20 anos.

	Morto na guerra em 10 de novembro de 1918.
T5: Onde?	O caminhão explode em um camping. Assassinato na catedral.
T6: Quanto?	A maior catástrofe do transporte aéreo de todos os tempos. Uma explosão incrível.
T7: Por quê?	O acidente foi provocado por um deslizamento de terra/ por um roda-dura bêbado.
T8: Consequências?	A gente fala que nosso franco é forte, mas serão necessários sete francos para ter um único Euro!
T9: Normas?	A pátria está em perigo.
T10: Controle?	Inexoravelmente
T11: Distância de y?	Estrangeiros. Pessoas como você e eu.
T12: Aprovação?	Genial.

**Fonte:** Plantin (2010, p. 73).

Em resumo, as tópicas das emoções podem servir para realizar uma descrição cognitiva que regulam uma orientação para a emoção no discurso. O T1 trata-se do evento ou da cena. O T2 refere-se às pessoas que são afetadas pelo evento, Plantin (2010) afirma que a emoção pode oscilar de acordo com a pessoa que é afetada, como uma criança ou um idoso, por exemplo. O T3 refere-se aos análogos que podem ser construídos na produção das emoções, o autor supracitado argumenta que esta tópica busca responder as seguintes questões em relação ao evento: isso faz pensar em quê? De qual classe de acontecimentos o evento em questão se origina? O T4 remete ao modo de construção temporal e aspectual dos eventos. O T5 trata-se do lugar onde o evento se produziu. O T6 é a intensidade do evento, que pode ser avaliada pela quantidade de pessoas atingidas, como também pode ser observada por uma oposição entre único/ numeroso. O T7 está principalmente orientado para a imputação da responsabilidade do evento, busca-se, portanto, avaliar a causa, a razão e o motivo. Plantin (2010), bem observa que as emoções podem variar de acordo com esta tópica, como exemplo ele cita a diferença entre um acidente de deslizamento de terra que aconteceu por fatalidade e um acidente com vítimas fatais na qual o condutor do veículo estava embriagado. No primeiro caso pode haver a dor simples, já no segundo pode haver a cólera.

Continuando a explicar, resumidamente, os *topois* do quadro acima, o T8 são as consequências que o evento produz tanto no individual quanto no social. O T9 diz respeito à ligação das emoções com a ética e com os valores sociais. Nesse sentido, um mesmo evento pode suscitar emoções que dependem dos valores sociais, assim Plantin (2010) revela a importância da construção argumentativa das emoções para tentar entender, por exemplo, como “a felicidade de uns traz a infelicidade de outros” (PLANTIN, 2010, p. 76).

Ainda sobre o *topoi* 9, o autor supracitado traz um exemplo que pode elucidar a problemática dos valores e de interesses que orientam para uma emoção:

[...] vamos supor uma situação de guerra. Se y assiste à morte de y', em se tratando de emoções, não conheço nenhuma que seria conveniente atribuir à y em função deste fato bruto. É preciso conhecer a relação y-y': estão no mesmo campo de batalha? Eram engajados em um combate de vida ou morte? (PLANTIN, 2010, p. 76).

Várias emoções podem surgir em relação à morte, como a alegria, a indiferença, a dor, a tristeza, a cólera e o desejo de vingança. O que vai determinar a orientação para uma delas serão os valores, os interesses e a relação do sujeito falante com cada pessoa envolvida no evento.

O T10 refere-se à possibilidade de controle do evento por alguém e busca avaliar a proximidade, a evidência e a volicionalidade. O T11 trata da natureza da ligação do evento com o grau de proximidade ou de intimidade, envolvimento e solidariedade com o sujeito. Esta tópica busca explicitar a focalização subjetiva da produção das emoções. Por fim, o T12 busca realizar uma avaliação global do evento e conferir a ele um eixo agradável ou desagradável para o sujeito.

Charaudeau (2010) também trabalha com tópicos das emoções, nas quais prefere adotar o sintagma de tópicos patêmicas. O linguista propõe quatro grandes tópicos na qual cada uma é duplamente polarizada em negativo e positivo. São elas:

A tópica da dor e seu oposto, a alegria: a dor deve ser compreendida como um estado de insatisfação do desejo do sujeito, como também uma sensação de mal estar e de sofrimento. Pode ser desencadeado por um actante-objeto, ou seja, por uma pessoa ou por uma situação. A dor pode apresentar graus como a tristeza (aceitação de impotência, de fatalidade), a vergonha, o constrangimento, a humilhação e o orgulho ferido. O orgulho ferido pode ser compreendido como uma “degradação identitária no que diz respeito a uma referência idealizada de si” (FONTANILLE *apud* CHARAUDEAU, 2010, p. 49). A alegria tem as mesmas características da dor, contudo ao invés de insatisfação, teremos a satisfação do desejo, do bem-estar corporal e moral. A alegria também pode apresentar graus como o contentamento, sentimento de poder,

vaidade e o orgulho, este último advém de uma promoção de traços identitários que sujeito realiza de si.

A tópica da angústia e seu oposto, a esperança: a angústia pode ser compreendida como um estado de espera desencadeada por um actante-objeto que representa algum perigo para o sujeito. Nesse sentido, o sujeito mobiliza uma gama de crenças que lhe faz construir diversas representações negativas sobre o actante ou sobre o objeto, estes que permanecem à distância do sujeito, por isso o sujeito está em um estado de espera sobre o desfecho da situação. O sujeito ao dizer que estar angustiado revela um “ser- à espera – ameaçado”. Podem surgir graus de angústia como a melancolia, o medo e o terror. A esperança tem as mesmas características que a angústia, o que a difere da última é que a espera trata-se de algo benéfico, a espera, nesse caso, é de algum acontecimento feliz. Os graus de esperança são a confiança, o desejo, os votos, o apelo e a oração.

A tópica da antipatia e seu oposto, a simpatia: a antipatia deve ser considerada como uma atitude reativa dupla em uma relação triangular. Na relação triangular há um sujeito que exerce o papel de vítima de um mal, outro que é o responsável pelo mal e o sujeito que é observador-testemunha. O sujeito que observa ou testemunha o evento pode apresentar um estado de indignação frente a uma vítima perseguida. Nessa perspectiva, Charaudeau (2010) afirma que o sujeito busca em seu mundo de crenças e de valores as representações que o mesmo constrói sobre o bem e o mal e sobre as relações de dominações. A antipatia pode ser direcionada ao perseguidor ou ao o grau de perseguição. A indignação, a acusação, a denúncia, a cólera e o ódio são graus que podem surgir da antipatia. A simpatia, por sua vez, origina-se das mesmas características que a supracitada, porém o sujeito encontra em um estado de sensibilidade com o perseguido. Desse modo, podem surgir a benevolência, a compaixão e a piedade.

A tópica da atração e seu oposto, a repulsa: a atração e a repulsa originam-se das mesmas características de a antipatia e a simpatia, na qual há uma atitude reativa em uma relação triangular. Porém, neste caso a atração e a repulsa tornam-se atitudes mais intelectuais do sujeito, no qual o comportamento do mesmo é mais inativo. Na atração o sujeito volta-se para um actante benfeitor que já reparou um sofrimento. Cria-se uma imagem heróica e de aprovação. A admiração, o fervor, o maravilhamento e o encantamento podem surgir como graus da atração. Na repulsa, o sujeito volta-se para o actante do qual ele possui uma imagem negativa de malfeitor. Assim, pode surgir o desprezo, o desgosto, a aversão e a fobia.

Partiremos agora, para uma relação entre os efeitos de emoções, ou patêmicos, que podem surgir no discurso com as descrições. Para isso, iremos discorrer sucintamente sobre o modo de organização do discurso descritivo desenvolvido por Charaudeau.

### **A descrição e a emoção**

Os modos de organização do discurso, postulados por Charaudeau (2014), constituem os princípios de organização da matéria linguística dependentes da finalidade comunicativa do sujeito, quais sejam: enunciar, descrever, contar, argumentar. Os procedimentos em utilizar determinadas categorias de língua com o intuito de agrupá-las em função da finalidade comunicativa podem ser agrupados em quatro modos de organização: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo.

De acordo com Charaudeau (2014), a descrição permite ao sujeito falante fazer existir os seres no momento em que o mesmo pratica a ação de nomear, de localizar e de atribuir qualidades. Ademais, a descrição fornece sentidos, pois há uma diferença em dizer: o camundongo salvou o leão e dizer: o pequeno camundongo salvou o leão, rei da floresta. Dessa forma, o ato de nomear não se restringe ao simples processo de etiquetagem de uma referência já existente. Pois, é o resultado de uma operação que permite “fazer seres significantes no mundo, ao classificá-los” (CHARAUDEAU, 2014, p. 112). A descrição pela qualificação pode ser entendida como um meio que possibilita ao sujeito falante de satisfazer o desejo de posse do mundo, uma vez que será o mesmo que irá singularizar e especificar algo de acordo com a própria visão de mundo. Esta visão de mundo depende da racionalidade como também de seus sentidos e sentimentos. Aliás, por meio da qualificação o sujeito falante pode manifestar os imaginários individuais e coletivos em um jogo entre as crenças impostas pela sociedade e as crenças próprias do sujeito.

O processo de descrição pode apresentar dados objetivos e subjetivos, os dados objetivos são as características que podem ser observadas por qualquer sujeito. Já as descrições subjetivas são construídas a partir do ponto de vista do sujeito falante sobre o objeto e sobre o mundo. Como exemplo, podemos atentar-nos à seguinte frase: Drummond é um poeta de Minas Gerais. De certo esse enunciado apresenta dados objetivos, e vai a contraste com outro exemplo: Drummond é um dos melhores poetas de Minas Gerais, que apresenta uma descrição subjetiva sobre o sujeito de Drummond.

O ato de nomear, para Charaudeau (2014) é uma descrição que pode ser feita pela identificação específica com o uso de nomes próprios, ou pela identificação genérica,

geralmente realizada com nomes comuns. Algumas categorias de língua podem causar alguns efeitos no discurso, como é o caso dos possessivos que podem indicar um efeito de apreciação e os demonstrativos que orientam para uma tipificação.

Nesse sentido, consideramos que a relação que pode existir entre a descrição e a emoção estará na forma representacional na qual o sujeito revela as crenças sobre o mundo pela linguagem. A descrição revela a maneira como o sujeito interpreta o mundo e o outro, por isso pode haver índices patêmicos no discurso por meio da descrição.

### **Drummond e os efeitos patêmicos**

Selecionamos para este trabalho o *corpus* que é composto de quatro poemas de Drummond que relembram o tempo em que o mesmo viveu em Minas Gerais, quais sejam: *Confidência do Itabirano*, *Infância*, *Negra* e *Homem Livre*.

Partiremos, então, para a análise do primeiro poema:

#### Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói! (ANDRADE, 1978, p. 36).

O poema acima releva as memórias que o sujeito enunciatador possui da cidade natal, Itabira. Deparamo-nos com experiências e lembranças que ajudaram a formar a identidade desse sujeito, pois podemos inferir que Itabira teve uma grande influência na formação da sua

personalidade. Essas memórias são carregadas de emoções e saberes de crença que envolvem a trajetória de vida do poeta em sua cidade natal.

O sujeito narrador revela explicitamente algumas emoções que carrega ao se referir à Itabira, como nos versos: “principalmente nasci em Itabira. Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.” (ANDRADE, 1978, p. 36). O sujeito enunciador justifica que a tristeza e o orgulho que sente advêm do fato de ter nascido em Itabira. Ademais, faz descrições de si que moldam a imagem que ele constrói para si próprio como sendo características identitárias da cultura local. Nesse sentido, as descrições, as lembranças e as memórias podem servir para uma autoavaliação da personalidade e dos traços de identidade que o sujeito narrador do poeta mineiro julga ter. Essas descrições podem ser observadas nas seguintes qualificações: “Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. / A vontade de amar, que me paralisa o trabalho, / E o hábito de sofrer, que tanto me diverte, / este orgulho, esta cabeça baixa...” (ANDRADE, 1978, p. 36).

As emoções que o sujeito narrador de Drummond revela sentir por ter vivido em Itabira podem ser resumidas em tristeza e orgulho. Consideramos com Charaudeau, que essas emoções no discurso são de origens contrastantes, a tristeza é um grau da tópica da dor, na qual o sujeito encontra-se em um estado de sofrimento e insatisfação em relação a um objeto, ou a um sujeito. Já o orgulho é um grau da alegria que pode surgir quando o sujeito encontra-se em um grau de satisfação com um objeto ou com um sujeito. Esses efeitos patêmicos no discurso do poema podem revelar que o sujeito narrador demonstra tristeza ao aceitar os fatos que aconteceram e acontecem em Itabira. As experiências de vida que o mesmo teve em sua infância e juventude nessa cidade mineira não causam uma revolta ou outro grau de dor mais elevado, como o próprio poeta explicita. Será a tristeza que irá moldar a imagem do poeta mineiro. Assim, será possível compreender que o efeito patêmico da tristeza no discurso de Drummond existe porque ele apresenta uma aceitação das características e da cultura que formam os saberes de crença em Itabira.

O efeito patêmico do orgulho no discurso, que inferimos surgir no poema acima, é compreendido como uma alegria dos traços de identidade que o sujeito enunciador julga apresentar por ter vivido em sua cidade natal. A qualificação que o sujeito narrador realiza ao descrever a sua imagem no poema por meio de identificadores como “triste” e de “cabeça baixa”, não é apreendida como qualidades e características negativas. Pelo contrário, podem ser consideradas como traços identitários que provocam efeitos de orgulho no sujeito narrador. Esse orgulho também é verificado em outro poema memorialista no qual Drummond fala de sua infância em Itabira:

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
- Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.(ANDRADE, 1930, p. 30).

Em *Infância*, deparamo-nos com o efeito de emoção de alegria e de orgulho no discurso no poema. As memórias juvenis do poeta demonstram uma experiência infantil de simplicidade, de uma vida no campo de ambiente acolhedor para o jovem Drummond. Ao analisar o poema *Confidências de Itabirano* e *Infância*, notamos que o efeito da emoção de orgulho justifica-se pela memória de vida simples que alegra o sujeito narrador.

Doravante, sob o raciocínio dos *topois* elaborados por Plantin (2010), iremos atentar-nos aos T3 e T9. Com o *topois* 3, que refere-se aos análogos construídos na produção das emoções, podemos realizar esse movimento de analogia sobre as características identitárias que são fornecidas pelo poema, pois, identificamos descrições subjetivas que moldam uma imagem do sujeito como “triste”, “orgulhoso”, “de cabeça baixa” e de “ferro”. Com o *topois* 9, compreendemos como os valores sociais e éticos moldam os traços de personalidades que são criados no poema, como já vimos, foi possível perceber algumas qualidades atribuídas pelo próprio sujeito enunciador. Todos esses traços de identidades dependem dos valores sociais que o sujeito adota em seu mundo de crença. Vale salientar que o teor positivo e o teor negativo de todos esses traços variam conforme as crenças e as experiências de vida de cada sujeito.

Outro aspecto a ser percebido no poema, *Infância*, é a referência de uma figura que coloca em questão valores históricos, sociais e éticos da escravidão: a negra. Essa personagem em outro poema assume papel central no romance, trata-se do poema a seguir:

Negra

A negra para tudo  
a negra para todos  
a negra para capinar plantar  
regar  
colher carregar empilhar no paiol  
ensacar  
lavar passar remendar costurar cozinhar  
rachar lenha  
limpar a bumba dos nhozinhos  
tregar.

A negra para tudo  
nada que não seja tudo tudotudo  
até o minuto de  
(único trabalho para seu proveito exclusivo)  
morrer. (DRUMMOND, 2002, p. 180).

Com esse poema compreendemos a visão do poeta sobre a imagem de uma mulher negra em um sistema escravocrata. Em um primeiro momento, iremos atentar-nos a descrição do poema. A identificação que ocorre no discurso da obra é uma identificação genérica, uma vez que o sujeito narrador utiliza o sintagma “negra”. Essa escolha pode trazer um efeito de coletividade, assim não se trata de retratar uma negra em particular, mas sim de forma geral. A quantificação que há no poema está construída com dados imprecisos, como em “A negra para tudo” (DRUMMOND, 2002, p.180), dessa forma deparamo-nos com uma descrição subjetiva do sentido que “tudo” adquire para o sujeito.

De modo oposto que vimos nos poemas anteriores, em *Negra* não conseguimos identificar descrições de qualificações subjetivas que se orientam para a figura da negra. A qualificação que há no poema está delineada de forma a apresentar um efeito de objetividade. Este efeito é apreendido por meio da descrição que o sujeito narrador realiza somente por verbos. Segundo Charaudeau (2014), a descrição permite que o sujeito falante nomeie e qualifique um ser do mundo de acordo com suas crenças e com suas visões. Nesse sentido, a qualificação que ocorre no discurso orienta para uma visão que a imagem da negra é construída a partir de uma coisificação. Compreendemos que a descrição feita no poema a partir de verbos é realizada para contar como é a vida de uma negra: somente ações. Isso pode levar-nos a inferir

que a qualificação subjetiva que falta no romance pode ser justificada porque a própria vida da negra não abre espaços para uma vida de escolhas subjetivas.

O efeito de objetividade que está delineado no poema é analisado a partir das crenças e dos imaginários que circulavam, ou ainda circulam, sobre o papel social de uma negra. Desse modo, não há espaços na vida da escrava para qualificações subjetivas, já que ela é vista como um ser que só precisa executar ações para satisfazer a vida dos outros.

Ademais, a enumeração de verbos que moldam a vida da negra cria um efeito de evidência de como é construída a imagem na sociedade. Assim sendo, lembramos das regras sobre a mimese, que vimos anteriormente, na qual o sujeito falante descreve coisas emocionantes e na falta de possibilidade de mostrá-los, podem ser utilizados recursos cognitivo-linguísticos para descrever, amplificar e exacerbar traços que orientem para uma emoção.

Outro efeito observado no poema é o de apreciação, pois conforme Charaudeau (2014), o uso de possessivos pode indicar esse efeito no discurso. Ao direcionarmos essa afirmação para a obra acima, identificamos somente um possessivo no poema, a lembrar: “(único trabalho para seu proveito exclusivo)” (DRUMMOND, 2002, p. 180). A apreciação que inferimos nesse trecho pode ser analisada a partir da reflexão inserida no poema pelo sujeito narrador por meio do uso de parênteses. A ação de morrer da negra suscita um raciocínio que orienta para a percepção de que a escrava, a vida toda, realiza ações que beneficiam os outros, será somente no ator de morrer que ela estará agindo para seu próprio proveito. Por isso, apreendemos que o possessivo usado no poema produz efeito de apreciação da ação de morrer da negra, já que será somente esta ação que será feita para si própria.

Ao levarmos em consideração os efeitos patêmicos, identificamos indícios de antipatia no discurso. Para ter o efeito de antipatia é necessário que ocorra uma relação triangular: um sujeito que exerce o papel de vítima de um mal; outro sujeito perseguidor que é responsável pelo mal da vítima e; um terceiro sujeito que observa e testemunha essa relação de perseguição entre vítima e perseguidor. No poema *Negra*, podemos realizar um trabalho de possível interpretativo em que o sujeito enunciador exerce o papel de observador e de testemunha do mal que assola a negra. A vítima, então, será a negra (que possui um papel representativo de coletividade) e o sujeito perseguidor pode ser interpretado como os senhores ou os patrões.

Ainda sobre o efeito de antipatia no discurso, será necessário que o sujeito falante busque no seu universo de crenças os valores que o mesmo constrói sobre o que é o bem e sobre o que é o mal com o que diz respeito à relação entre o perseguidor e a vítima. As emoções estão

intrinsecamente relacionadas com os valores, por isso qualquer alteração no universo de crenças altera-se o efeito de emoção produzida no discurso pelo sujeito.

Em *Negra*, encontramos indícios de efeitos patêmicos de antipatia sobre o grau de acusação e de denúncia sobre a vida de uma negra em um sistema escravocrata. A denúncia pode estar direcionada tanto para o perseguido quanto para a perseguição, em nosso caso essa acusação está orientada para a perseguição: o sistema escravocrata.

Sob a ótica de Plantin (2010), podemos reproduzir o quadro de *topois* tendo como *corpus* o poema acima.

**Quadro 2**

<i>Topois</i>	Elementos do poema
T1: O quê?	Escravidão
T2: Quem?	As mulheres negras
T3: Como?	Pode ser lembrado como uma atrocidade à identidade e a vida dos africanos e seus descendentes
T4: Quando?	Indeterminado
T5: Onde?	Espaço genérico
T6: Quanto?	Dura toda a vida da negra
T7: Por quê?	Os patrões ou os senhores
T8: Consequências?	O apagamento da identidade e da subjetividade da negra
T9: Normas?	A negra como coisificação
T10: Controle?	Inflexível
T11: Distância de y?	Proximidade
T12: Aprovação?	Situação desagradável que orienta para uma antipatia e uma acusação

**Fonte:** adaptação do quadro segundo Plantin (2010, p. 73).

Outro poema de Drummond que aborda a tematização de escravidão é *Homem Livre*, no qual também podemos avaliar o posicionamento e o julgamento que o poeta faz sobre os escravos. Há algumas diferenças entre *Negra* e *Homem Livre*, antecipadamente, podemos citar que uma delas é sobre a identificação do protagonista da cena: no primeiro, a escrava representa a coletividade; no segundo, há uma visão direcionada para a vida particular de um escravo específico. Veja-se o poema:

Homem Livre

Atanásio nasceu com seis dedos em cada mão.  
Cortaram-lhe os excedentes.  
Cortassem mais dois, seria o mesmo  
admirável oficial de sapateiro, exímio seleiro.  
Lombilho que ele faz, quem mais faria?  
Tem prática de animais, grande ferreiro.

Sendo tanta coisa, nasce escravo,  
o que não é bom para Atanásio nem para ninguém.  
Então foge do Rio Doce.  
Vai parar, homem livre, no Seminário de Diamantina,  
onde é cozinheiro, ótimo sempre, esse Atanásio.

Meu parente Manuel Chassim não se conforma.  
Bota anúncio no Jequitinhonha, explicadinho:  
Duzentos mil-réis a quem prender crioulo Atanásio.  
Mas quem vai prender homem de tantas qualidades? (DRUMMOND, 1973, p. 80)

Observamos outras distinções entre os dois poemas. *Negra* mostra o julgamento e a denúncia de forma genérica sobre a escravidão. Não possui qualificações subjetivas e é orientado a um efeito de objetividade que evidencia a coisificação da negra. *Homem Livre* está em dimensão inversa, pois deparamo-nos com uma identificação específica já que a figura central é nomeada com o nome próprio de Atanásio. Essa nomeação traz ao poema um efeito de singularidade e de particularidade, uma vez que o discurso se volta para a vida de um ser único no mundo, o escravo Atanásio. Ademais possui qualificações subjetivas que traçam características de personalidade do personagem central do poema, isto que o personifica.

Ao atentarmos para as descrições sobre a vida do escravo Atanásio, encontramos descrições específicas como os cargos que o mesmo ocupou e ocupa na vida, quais sejam: sapateiro, seleiro, ferreiro, escravo e cozinheiro. Também identificamos o uso de demonstrativos, e que segundo Charaudeau (2014) pode trazer o efeito de tipificação e de aproximação com o objeto. No trecho “ótimo sempre, esse Atanásio” (DRUMMOND, 1973, p. 80), o demonstrativo utilizado orienta para uma aproximação e intimidade do sujeito narrador com a figura de Atanásio. Ademais, verificamos quantificadores precisos e imprecisos, os imprecisos apontam para a subjetividade do poeta, como os seguintes: “sendo tanta coisa, nasce escravo” e “mas quem vai prender homens de tantas qualidades?” (DRUMMOND, 1973, p. 80). O termo “tanta” indica uma possível relação de proximidade entre o sujeito e a figura de Atanásio, já que demonstra o conhecimento sobre as diversas qualidades que o personagem possui.

As qualificações que moldam a imagem de Atanásio são subjetivas ao longo do poema, podemos citar ainda, por exemplo: “admirável oficial de sapateiro”, “exímio seleiro”, “grande ferreiro”, “ótimo sempre”, “homem de tantas qualidades”. Essas características que descrevem a imagem de Atanásio fornecem saberes sobre os traços individuais e particularizam o escravo dentre tantos outros existentes. A imagem que é construída do escravo é de uma pessoa que possui diversas qualidades positivas apesar de ter nascido nessa posição social. Não nos deparamos com uma visão de coisificação do escravo, o que pode demonstrar que o sujeito enunciador não apoia o sistema como os escravos são tratados. Assim, o discurso revela o julgamento e o posicionamento negativo do sujeito narrador quanto à escravidão.

As descrições que moldam o poema produzem o efeito de emoção de simpatia. De modo contrário do poema anterior, *Negra*, que identificamos a antipatia em relação à escravidão, neste, estamos diante de um efeito de simpatia que se volta para a vítima da escravidão. Esse efeito de simpatia acontece em relação triangular, na qual o autor assume o papel de observador e de testemunha de um vínculo entre a vítima e a perseguição do sistema escravocrata. Nesse sentido, inferimos que o discurso do poema é orientado para a vida da vítima e revela os valores sociais que o sujeito enunciador sustenta sobre a escravidão.

Doravante iremos analisar os *topois*, sob a esteira de Plantin, e destacaremos os T7, T9, e T11. O T7 está principalmente relacionado para a imputação da responsabilidade do evento. Em *Homem Livre* há nomeação específica do perseguidor de Atanásio, trata-se da figura de Manuel Chassim. A indicação do perseguidor pode orientar para o efeito de emoção de cólera que se volta à imagem do senhor dos escravos. Com o T9, notamos como os valores sociais podem fazer uma alteração aos efeitos patêmicos no discurso. Como elucidação, assimilamos que a fuga de Atanásio pode trazer um efeito de alegria, já se mudarmos os valores sociais e adotarmos a visão de coisificação do escravo, essa fuga pode trazer um efeito de revolta ou de indiferença quanto a Atanásio. Por isso, as crenças do sujeito, os posicionamentos e os julgamentos do sujeito falante são fundamentais para orientar o discurso em direção a um efeito de emoção no discurso. O T11 trata da natureza da ligação do evento com o grau de proximidade, de intimidade, de envolvimento ou/e de solidariedade com o sujeito perseguido. Como vimos com as descrições realizadas no romance, apreendemos que o poema apresenta uma proximidade entre o sujeito narrador e a figura de Atanásio, até mesmo por se tratar de um escravo de um parente próximo.

Em síntese, conseguimos apreender que os três poemas analisados possuem indícios de efeitos patêmicos no discurso. Vale ressaltar que uma obra literária é polissêmica e apresenta

diversas chaves de leitura. Não foi nossa intenção, neste trabalho, de reduzir a grandeza poética e literária de Drummond em efeitos descritivos e patêmicos. Estamos cientes que uma obra literária possui diversas possibilidades de interpretação que irá depender da visão do leitor. Vale salientar, portanto, que o grau de descrição do poema que direciona para efeitos de emoções no discurso foi o aspecto que orientou nossa atenção.

### Considerações finais

Ao analisarmos o *corpus* que foi composto por quatro poemas de Drummond, percebemos que os efeitos patêmicos podem estar presentes no discurso de forma implícita. Portanto, a construção de uma orientação para traços de emoções pode ser delineada a partir do contexto que é construído na própria organização de cada discurso. Ademais, os julgamentos e os posicionamentos que o sujeito enunciativo faz sobre cada tema também são passíveis de inferência de efeitos de emoções, uma vez que a emoção é guiada e produzida a partir do universo de crenças e de valores de cada indivíduo.

Observamos que o primeiro e o segundo poema, *Confidências do Itabirano e Infância*, analisados sob a ótica descritiva, apresentam tendências de descrições e de qualificações subjetivas que se sobrepõem no discurso da obra. As qualidades positivas e os traços de personalidade que moldam a imagem de Drummond são atribuídos na sua vida no campo, na simplicidade e na calma de Itabira. Essas lembranças da vida em Itabira orientam para os efeitos de alegria, de tristeza e de orgulho. O orgulho que pode ser induzido a partir de nossas análises demonstra a promoção e a satisfação que o sujeito enunciativo de Drummond apresenta de ter nascido no estado de lindas montanhas, Minas Gerais. Ademais, pode ser compreendido como um orgulho sobre as características identitárias que o poeta molda para si próprio.

O terceiro poema, *Negra*, apresenta uma descrição mais objetiva e realça as ações que uma mulher escrava faz em sua vida; ações essas que são executadas em prol de terceiros. Verificamos também como a relação de dominação que envolve a vítima da escravidão com os senhores/ patrões nos guiaram a inferir o efeito patêmico de antipatia sob o grau da acusação que demonstra crítica social e histórica ao sistema escravocrata.

O quarto poema, *Homem Livre*, tem uma organização descritiva que há tanto a objetividade quanto a subjetividade. Contudo, as qualificações subjetivas tiveram por nós um olhar mais atento, pois por meio delas é possível inferir uma relação de proximidade do eu narrador com a figura representativa do poema, nomeada como Atanásio. O efeito de emoção delineado foi a simpatia, que permite interpretar o julgamento negativo que Drummond constrói

sobre a escravidão, deixando assim revelar as suas crenças e os seus posicionamentos ideológicos.

Por fim, é possível compreender que os discursos dos quatro poemas do poeta de Itabira contem efeitos de emoções que são construídos conforme a descrição que organiza as obras. Nesse sentido, o ato de narrar e de contar sobre o mundo e sobre o outro revela o ponto de vista de Drummond, bem como seus valores sociais e éticos que foram construídos ao longo de sua vida em Minas Gerais e de outros lugares.

### Referências

ADORNO, T. W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: 34, 2003, p. 65-89.

ANDRADE, C. D. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

\_\_\_\_\_. *Menino Antigo (Boitempo II)*. José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. *Antologia Poética*. 12a edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BRUNACCI, M I. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E., MACHADO, I. L. *Emoções no discurso*, volume II. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010, p. 23-56.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014. Nº 1 -2, 1992, p. 26-31.

\_\_\_\_\_. Pathos e discurso político. In: MACHADO, I.L. et al. (org). *As emoções no discurso*, v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240 – 251.

FAVA, A. R. A dialética iluminada de Drummond. In: *Jornal da Unicamp*. 194 XVII. 2002.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso: a cena enunciativa*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2ª edição, 1993.

MATHIEU-CASTELLANI, G. *La Rhétorique des passions*. Presses Universitaires de France, Coll. Écriture, 2000.

PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, E., MACHADO, I. L. *Emoções no discurso*. Volume II. Campinas –SP: Mercado de Letras, 2010, p. 57 – 80.